



COMPANHIA DAS LETRAS

*Timothy
W. Ryback*

A BIBLIOTECA ESQUECIDA DE **HITLER**

Os livros que moldaram
a vida do Führer

RESENHA

A Biblioteca Esquecida de Hitler

Os livros que moldaram a vida do Führer

Vivian Nani Ayres
Bacharel em História pela USP

“Hitler não existe como indivíduo. Ele é uma condição”. Essas são as palavras de Thomas Theodor Heine, um cartunista político que fez diversas caricaturas de Hitler em 1923. Embora seu contato com ele tenha sido ocasional e nem sempre amistoso,¹ Heine formula uma reflexão que parecer ser imprescindível na compreensão da trajetória política de Hitler. Porém, o que a obra *“A biblioteca esquecida de Hitler, os livros que moldaram a vida do Führer”* – do historiador e diplomata Timothy W. Ryback – nos oferece vai além da conjuntura política e econômica alemã nos levando a penetrar, na medida do possível, o universo mental de Hitler através da análise dos vestígios deixados nos livros que restaram das três bibliotecas do Führer.

Dos estimados 16 mil volumes que habitavam suas estantes em Munique, Berlim e Obersalzberg, cerca de 1300 apenas foram encontrados para a pesquisa. Diferente do que fez com seus discos e obras de arte, Hitler nunca catalogou seus livros, deixando-nos alheios em relação à grande maioria dos títulos que possuía. De qualquer forma, o fato de poder manusear as obras e retrçar os caminhos de sua leitura possibilitou a Timothy Ryback a oportunidade de compreender as marcas que Hitler deixou em seus livros e, por outro lado, avaliar as marcas que essas obras deixaram nele.

O que o autor chama de “linha moral” de seu livro é dada pelas reflexões de Walter Benjamin – ironicamente, uma vítima do nazismo – em um ensaio sobre coleções de livros. Timothy Ryback reproduz seu pensamento afirmando que *“dá para saber muita coisa sobre um homem pelos livros que ele mantém: seus gostos, seus interesses, seus hábitos. Os livros que guardamos e os que descartamos, os que lemos bem como os que decidimos não ler, dizem algo sobre quem somos (...) colecionamos livros na crença de que os estamos preservando quando na verdade são os livros que preservam seu colecionador.”*

Seguindo a regra de Walter Benjamin de que um bibliófilo lê no máximo 10% de seus livros, o autor afirma que Hitler nunca viu, menos ainda leu, grande parte de seus livros. De qualquer forma, de acordo com diversos relatos, Hitler lia pelo menos um livro por dia e, às vezes, mais de um. Uma média invejável. Assim, páginas que se abrem com facilidade, marcas de dedos, traços a lápis, exclamações, interrogações e até um fio de bigode entre as páginas, além dos livros que revelam nunca terem sido abertos, foram os caminhos encontrados pelo autor para selecionar, entre os diversos títulos e autores, aquilo que influenciou o pensamento e as ações de Hitler.

Pelo que Timothy Ryback nos deixa perceber, não havia uma reflexão crítica e profunda nas leituras de Hitler. De um modo geral, podemos vê-las com um caráter extremamente seletivo e utilitário: ele lia sobre os assuntos que lhe agradavam e, de acordo com suas próprias palavras, extraía deles o que precisava descartando todo o resto. De clássicos como Shakespeare, Schopenhauer, Goethe, Kant, Nietzsche etc., Hitler tirava apenas frases de efeito para seus discursos. Por outro lado, obras antissemitas, nacionalistas e sobre doutrinas raciais foram devoradas pelo leitor, assim como os relatos de veteranos da Primeira Guerra e os livros sobre técnicas e equipamentos militares. Muita literatura popular, romances policiais e obras menos prestigiadas também fizeram parte das noites de Hitler, embora ele preferisse manter isso em segredo colocando uma sobrecapa para cobrir os títulos originais. Revelando seu caráter pragmático, fica patente por meio de muitos relatos o apreço de Hitler pelas enciclopédias que estavam sempre ao seu lado para sanar dúvidas durante conversas ocasionais. Embora o autor afirme que as teorias espirituais e ocultistas servissem mais como legitimação de práticas absurdas, ele mesmo revela que, através do relato da secretária pessoal de Hitler, percebeu que de fato essas ideias lhe despertavam um profundo interesse.

Timothy Ryback estrutura seu livro a partir da escolha de nove obras, uma por capítulo, que para ele foram fundamentais em cada uma das fases da vida de Hitler. Através desse método, o autor tenta reconstruir a trajetória do leitor associando suas leituras com as suas ações. Embora deixem de lado a conjuntura econômica e muitos acontecimentos políticos, os capítulos são ricos em informações sobre as esferas privada e pública de Hitler. Desde sua atuação na Primeira Guerra Mundial, passando pela inserção na vida política e a ascensão do movimento nazista, até o momento em que tira sua própria vida por perceber que a Segunda Guerra Mundial está perdida, o autor relaciona sua trajetória com a influência dos livros.

Um homem, cuja educação formal impôs várias limitações, Hitler procurou nos livros as respostas para as suas dúvidas e as justificativas teóricas para as suas ações. Certamente um leitor ávido, mas com um caráter um tanto impenetrável para reflexões que se opusessem às suas ideias. Em *Mein Kampf* ele mesmo revela que seu processo de leitura era comparável ao de colecionar pedras para preencher um mosaico de ideias preconcebidas. Hitler relata que buscava no índice dos livros as partes que lhe pudessem ser úteis e muitas vezes lia antes a conclusão para saber o que procurar.

Ao percorrer as páginas de “*A biblioteca esquecida de Hitler*” fica muito claro que estamos diante das leituras de um político e não de um acadêmico. Mas, mais do que isso, um político com um projeto bastante ambicioso, cuja autoestima superava em muito a realidade e cujos métodos foram no mínimo duvidosos. De qualquer forma, a relação de Hitler com a leitura nos dá mais uma prova de que – para o bem ou para o mal – os livros podem mover o mundo. Tanto Hitler sabia disso que, a despeito de ser um leitor furioso, sua fama se espalhou por queimar os livros e não por lê-los. Mas não há nenhum paradoxo nisso.

RYBACK, Timothy W. *A biblioteca esquecida de Hitler, os livros que moldaram a vida do Führer*. São Paulo, Companhia das Letras, 2009

Notas

- 1 Thomas Theodor Heine foi obrigado a deixar a Alemanha em 1933 por ser um crítico do regime nazista.